



DIVERSIDADE CULTURAL E IDENTIDADE: UMA ANÁLISE DA OBRA INFANTIL “PÃO E CIRCO”

Sonia de Oliveira Barbosa*

Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura - FUMEC

soniaob@gmail.com

Luiz Claudio Vieira de Oliveira**

Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura – FUMEC

luizvioli@gmail.com

RESUMO: O presente estudo, consiste em analisar a obra literária infantil contemporânea: “Pão e Circo” dos autores mineiros: Leo Cunha e André Salles-Coelho, observando os aspectos da diversidade cultural e da identidade presentes na obra. Parte-se do pressuposto de que a obra problematiza a diversidade cultural, a diferença social e pessoal, bem como a questão da identidade e da exclusão social. Com isso, os autores constroem um discurso sobre a diversidade social, permitindo que as crianças reflitam sobre si mesmas e sobre o outro a partir do convívio social, propiciando o processo de construção de identidade, tornando-se capazes de refletir sobre os valores culturais presentes na sociedade em que vivem. Este trabalho destaca-se como metodologia a leitura intensiva da obra “Pão e Circo”, com vista em identificar na narrativa como é apresentada a diversidade cultural e a identidade. Subsidiariamente, aplicaram-se conceitos extraídos da Análise do Discurso: Mainguenu (1989, 1996, 2001) e Charaudeau (2010a, 2010b, 2016). Com base nos dados do estudo, percebemos elementos culturais introduzindo nas narrativas que contribui na discussão da diversidade cultural e identidade, possibilitando as crianças uma reflexão que existem grupos que são diferentes entre si, mas os direitos entre si são correlatos.

PALAVRAS - CHAVE: Diversidade Cultural. Identidade. Literatura Infantil.

CULTURAL DIVERSITY AND IDENTITY: AN ANALYSIS OF THE INFANTILE WORK "BREAD AND CIRCUS"

ABSTRACT: The present study consists of analyzing the contemporary children's literary work: "Bread and Circus" by the authors of Minas Gerais: Leo Cunha and André Salles-Coelho, observing the cultural diversity and identity aspects present in the artwork. It is presumed that the work problematizes cultural diversity, social and personal difference, as well as the question of identity and social exclusion. Thus, the

* Mestre em Estudos Culturais Contemporâneos pela Universidade FUMEC e professora de ensino superior da Universidade FUMEC.

** Doutorado em Letras - Literatura Comparada, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Adjunto IV, aposentado, da Faculdade de Letras da UFMG. Professor Adjunto III da Fundação Mineira de Educação e Cultura – FUMEC.

authors construct a discourse about social diversity, allowing children to reflect on themselves and the other through social interaction, providing the process of identity construction, becoming capable to reflect on the cultural values present in the society in which they live. This article stands out as a methodology of intensive reading of the work "Bread and Circus", in order to identify in the narrative how it presents cultural diversity and identity. In the alternative, subsidiary concepts extracted from Discourse Analysis were applied: Mainguenu (1989, 1996, 2001) and Charaudeau (2010a, 2010b, 2016). Based on the study data, we perceive cultural elements introducing in the narratives that contributes to the discussion of cultural diversity and identity, allowing the children a reflection that there are groups that are different from each other, but the rights between them are correlated.

KEYWORDS: Cultural diversity. Identity. Children's literature.

INTRODUÇÃO

As crianças, em seu contato com a literatura infantil, apropriando-se dos códigos de leitura, realizam a reelaboração do real. Elas passam a ler o real a partir da codificação que lhes é apresentada pela literatura. O livro se torna o instrumento básico e competente para proporcionar as mais variadas formas de leitura, realizando a mediação entre a realidade e o mundo fantástico e mágico. À medida que realiza essa mediação, está produzindo um saber, o seu próprio saber. Como o livro está inserido numa determinada cultura, há duas possibilidades nessa produção de um saber: haverá a reiteração de uma ideologia dominante nessa cultura, ou seja, há o reforço dos paradigmas existentes, ou há a desconstrução crítica dessa ideologia e dos respectivos paradigmas.

Os livros infantis são produzidos por adultos que querem transmitir, por meio de estórias, informações que julgam importantes, conforme suas concepções de mundo adulto, para a formação da criança. Assim, o livro infantil contém a invenção e o pensamento dos adultos, que, por meio da linguagem e do estilo, transmitem aspectos que julgam importantes na formação dos leitores infantis (MEIRELES, 1984, p. 29). O livro infantil não é bom ou adequado *de per se*. Como há duas possibilidades, pode fechar o acesso a códigos de leitura mais amplos ou pode abri-los.

Para o livro de literatura infantil se tornar interessante para a criança, deve explorar o mundo imaginário, por meio de mitos, fantasias, monstros, fadas, valendo-se de formas expressivas como as lendas, contos e fábulas. É importante descrever, com a beleza poética e ilustrações imaginativas que possibilitem o deslumbramento do fabuloso e do mistério. As crianças se encantam por esse mundo mágico, repleto de fantasias, têm o prazer e emoção de adentrar nas estórias lúdicas que o livro infantil proporciona (CARVALHO, 1989).

As obras literárias infantis tornam-se, então, um eficaz instrumento para levar os pequenos a descobrirem um mundo mágico e fantástico, sem que eles se desconectem da vida real. É por meio das histórias que a criança tem a curiosidade e criatividade estimuladas, aguçando o desejo por descobrir o novo. A leitura de livros infantis é o mecanismo pelo qual a criança participa dos mistérios e das fábulas e faz novas descobertas, de maneira prazerosa. Considerando que a leitura foi, por séculos, a única e mais importante fonte de lazer, entretenimento e aquisição de informações, é por meio dela que o ser humano se aperfeiçoa culturalmente, ao conceber e compreender o mundo em que está inserido.

Portanto, a leitura pode se valer das vivências e experiências de mundo da criança, apresentando a ela significados e sentidos que contribuem para a construção de si e do mundo, a partir de uma perspectiva de interação entre o lúdico e o real. O aspecto lúdico da literatura é que vai atrair o leitor e lhe dar prazer para a fruição do texto.

O objetivo desse estudo é desenvolver uma discussão como a literatura infantil contemporânea representa a diversidade cultural e a identidade, analisando, para isso, a obra *Pão e Circo* dos autores mineiros: Leo Cunha e André Salles-Coelho. Segundo Jonathan Culler:

A literatura sempre se preocupou com questões de identidade e as obras literárias esboçam respostas, implícita ou explicitamente, para essas questões. A literatura narrativa especialmente seguiu os destinos dos personagens à medida que eles se definem e são definidos por diversas combinações de seu passado, pelas escolhas que fazem e pelas forças sociais que agem entre eles (CULLER, 1999, p.108).

Culler defende a ideia de que as obras literárias fornecem uma gama de modelos implícitos de como se constrói a identidade, bem como apresentam que a identidade principal das personagens resulta de ações, de luta, de concepção de mundo. O teórico também afirma que a literatura não apenas apresentou o tema identidade, mas “desempenhou um papel significativo nas construções de identidades dos leitores” (CULLER, 1999, p. 110), por encorajar a identificação do leitor com as personagens, revelando os fatos a partir do seu ponto de vista.

Coelho (1984) relaciona a importância da literatura infantil a questões culturais de uma sociedade, capazes de proporcionar, ao leitor infantil, o acesso aos bens e valores culturais e o questionamento sobre si mesmo e o mundo a sua volta, de maneira a

direcionar seus interesses, suas aspirações, seu ensejo de autoafirmação para alcançar a sua identidade.

Para os estudos culturais, são importantes as abordagens sobre identidade, linguagem e multiculturalismo, temas que são fundamentais para a discussão proposta sobre literatura infantil. Portanto, diversidade cultural é cultural e não natural, ou seja, resulta de trocas entre sujeitos, grupos sociais e instituições a partir de suas diferenças, desigualdades, tensões e conflitos (BARROS, 2008, p. 18).

Em relação ao conceito de diversidade cultural, Silva (2000, p. 44) afirma que engloba diferentes aspectos, sendo utilizado para defender “uma política de tolerância e respeito entre as diferentes culturas”. Nesse contexto, justifica-se a realização desse estudo, que objetiva compreender o papel que a literatura infantil pode desempenhar, como um instrumento de promoção do reconhecimento e da tolerância à diversidade cultural, entre as crianças.

METODOLOGIA

Este estudo foi fundamentado na obra: *Pão e Circo* (2002), por meio da leitura intensiva, buscando identificar como a narrativa apresenta a diversidade cultural, a identidade, e concretizam sua problematização. Subsidiariamente, aplicaram-se conceitos extraídos da Análise do Discurso: Mainguenu (1989, 1996, 2001) e Charaudeau (2010a, 2010b, 2016).

Na obra escolhida, procurou-se analisar como o autor trabalha os temas da diversidade cultural, envolvendo identidade e diferença, apontando sua centralidade ou transversalidade nas narrativas. A análise do discurso buscou verificar de que maneira, os autores (Sujeitos Comunicantes – SC) desenvolveram estratégias, como narradores (Sujeitos Enunciadores – SE), para, construindo a imagem de seus leitores (Sujeitos Destinatários), poderem atingir os seus leitores reais (Sujeitos Interpretantes – SI). Segundo as teorias da Análise do Discurso (AD), desenvolvidas por Patrick Charaudeau e Dominique Mainguenu, esse processo de comunicação, envolvendo os sujeitos (SC, SE, SD E SI), organiza-se em dois pares: de um lado o SC e o SE; de outro, o SD e o SI. Reunindo esses dois pares, há o produto cultural, ou seja, o discurso, de que o texto é a evidência concreta.

Assim, a análise efetuada preocupou-se em levantar as marcas discursivas estratégicas, usadas pelo sujeito enunciatador de cada situação discursiva.

RESULTADOS

No livro *Pão e circo* (2002), de Leo Cunha e André Salles-Coelho, com ilustrações de Nelson Cruz, conta a estória de dois meninos de rua, Digo e Tetê. Eles se conhecem na porta do parque de diversões e iniciam uma amizade verdadeira, sem interesses nem preconceitos. Essa amizade acontece por causa de provocações, muito divertidas, construindo-se, aos poucos, uma verdadeira afeição de um pelo outro.

Tetê era uma menina ingênua, simpática e bem-humorada. Digo era o oposto, sempre solitário e resmungão. Até que um dia o destino fez com que eles se conhecessem na porta do parque de diversões. Ela estava a dançar e sorrir, na frente do carrossel, e ele a resmungar, cabisbaixo, procurando moedas no chão. Digo, ao ver Tetê dançando, a repreende, dizendo que não havia música, pois, o parque estava fechado. Mas ela não se deixou abater pela falta de música e logo abriu um sorriso. A partir desse primeiro encontro, inicia-se uma amizade de dois meninos diferentes.

Tetê sempre alegre, fazendo brincadeiras, como no episódio do saquinho de pipocas, que ela havia encontrado no chão. Digo achou que tinha pipocas dentro do saco e xinga Tetê, dizendo que estava morrendo de fome e ela podia espalhar as pipocas. Entretanto, descobrem que no saco só havia papel amassado. Tetê, diante da situação, perguntou se Digo queria brincar com o saco, mas como ele desdenhou, ela jogou o saquinho no lixo. Em seguida, Tetê começou a brincar de jogar moedas em Digo, e acabou acertando uma senhora que passava na rua. Essa senhora gritou com Digo, chamando-o de maluco. Digo ficou muito nervoso e tentou se defender. Mas Tetê, sempre brincalhona, achava graça e dava muitas risadas.

O outro encontro ocorreu na praça. Digo estava a andar pela praça e presenciou a cena: carros de polícia com sirene “esgoelando”, alguns guardas com proteção pesada. Todo aquele alvoroço era porque eles achavam que havia uma bomba no local. Na realidade, era um saco de pão. Os policiais ficaram aliviados e as pessoas que assistiam à cena ficaram desapontadas, exceto Digo, que ficou com o saco de pão. Tetê aparece logo após o ocorrido e se aproximou devagarinho de Digo, que estava sentado no banco da praça e começou a lhe fazer perguntas: “- Não foi você, que outro dia ... – Eu mesmo –

Digo responde seco. [...] Você também mora na ... – Moro – Digo interrompeu.” No decorrer do diálogo, Tetê acabou dando uma maçã a Digo, para matar a fome e foi embora, dando um tchauzinho. Digo somente lhe respondeu quando ela já estava virando a esquina.

O terceiro encontro não demorou muito para acontecer. Digo estava deitado no chão, coberto com um monte de jornais, por estar sentindo muito frio. Tetê vinha caminhando e viu aquele punhado de jornais espalhados: começou a ler em pé mesmo. Ria tanto das notícias que acordou Digo. Tetê tomou o maior susto e ele também. Digo acordou com aquele mau humor, e Tetê resolveu lhe dar uma maçã, para agradá-lo. Digo agradece com um quase sorriso. Tetê começa a brincar de malabarismo, com três bolas de plástico que achou na sucata. Digo, então, começou a rir do mau jeito dela com bolinhas: assim, ela descobriu que Digo sabia rir. Logo depois, os dois foram parar na porta de uma igreja.

Ficaram ali, assentados, observando as pessoas que estavam saindo de um casamento. Tetê começou a sonhar com seu casamento e perguntou a Digo se ele tinha vontade de se casar. Digo respondeu que não e disse que ela nunca iria se casar e a mandou se olhar no espelho. Mas, como não tinha espelho, ela foi se olhar no vidro da vitrine. Nesse momento, Tetê, olhou para a vitrine, viu um lindo brinco e o desejou. Digo começou a dizer que eles são pobres, maltrapilhos e nunca poderiam comprar uma joia daquela. Tetê, então, respondeu que sabia que não podia ter um brinco daqueles e que não ia se casar, mas questionou: por que não podia achar bonito o brinco e querer se casar? Começou a chorar sem parar. Digo tentou consolá-la e logo eles voltaram a brincar.

O próximo encontro, já foi combinado: “esperar juntos o sopão da cantina da esquina”. Depois foram caminhar sem destino, contando sobre a vida. Até que se depararam com um muro bem alto. Eles ficaram curiosos e subiram em latões. Digo no latão maior e Tetê num latão bem pequeno. Começaram a brincar de equilibristas de circo. Caiu a noite e eles estavam com fome. Nenhum dos dois tinha moedas nos bolsos. Foi quando Digo teve a ideia de ir ao estágio de futebol no dia seguinte, pela manhã, para roubarem. Pularam o muro do estádio de futebol. O plano de Digo era simples: no momento da “Ola”, as pessoas distraídas, Tetê aproveitaria e pegaria a primeira bolsa que avistasse, saindo correndo. Foi o que aconteceu. Tetê pegou a bolsa, correu e jogou para Digo, que fugiu. Tetê foi pega pelos cabelos por um guarda e acabou se perdendo de Digo. Tetê convenceu o guarda a soltá-la, pois não sabia nada sobre Digo, nem o nome dele sabia.

Digo procurou por Tetê, mas não a achou e gastou com sorvete todo o dinheiro que estava na bolsa. Quando ele estava procurando por mais dinheiro, encontrou, no fundo da bolsa, um ingresso para o “Grande Circo do Oeste”. Assim, entrou no circo. Digo ficou encantado com o circo. Nunca tinha visto coisa igual ao espetáculo dos palhaços. Durante a apresentação, os palhaços fizeram brincadeiras com Digo, e ele começou a fazer parte do espetáculo, divertindo o público, correndo e se escondendo dos palhaços. A partir dessa brincadeira, um dos palhaços convidou Digo para trabalhar com eles, fazendo o que tinha feito naquele momento: correr e se esconder. Digo, com o convite, ficou um pouco confuso, mas decidiu ir com o circo mundo a fora.

Tetê estava procurando Digo, em todos os cantos, na praça, no parque, enfim, em todos os lugares a que ele costumava a ir. Até que ela encontrou um pipoqueiro, que lhe deu um saquinho de pipocas e lhe entregou a gaita do Digo. Digo tinha uma gaita que adorava tocar. Nesse momento, ela descobriu o nome dele. O pipoqueiro deu a Tetê um ingresso para o parque de diversões, disse que estava guardando para Digo, mas como ele não apareceu, estava lhe dando. Tetê só perguntava pelo amigo, até que o pipoqueiro a mandou se divertir no parque. Tetê pegou o ingresso e saiu correndo para o parque. Antes, disse ao pipoqueiro: “- Quando Digo aparecer, fala que eu tô lá dentro, na roda-gigante” (CUNHA; SALLES-COELHO, 2002, p. 39).

Nesse texto, os autores utilizam uma narrativa lúdica e poética para revelar a estória de dois meninos que lutam pela sobrevivência nas ruas, com a necessidade e o desejo pelo pão, mas sem perder a inocência, a alegria, a esperança e o sonho. Leo Cunha e André Salles-Coelho tratam de questões sociais do mundo real, como a infância abandonada nas cidades do nosso país. Há meninos e meninas de rua, desabrigados, tendo que viver em busca do pão e à mercê da solidariedade do outro. Metaforicamente, mas também de forma realista, o texto aborda a exclusão social e a discriminação social, ao retratar a pobreza, a miséria, a marginalização, que são elementos que potencializam o processo de exclusão social. A leitura desse livro proporciona, para seus leitores, uma reflexão sobre as crianças de rua, pois todos já se depararam com elas, mas sem ter a oportunidade de conhecer as suas necessidades, seus sonhos e desejos, nem o que os fez estar nessa condição de indivíduos excluídos do convívio social.

A narrativa se inicia com um poema, que anuncia a estória. Por meio da poesia, constrói um diálogo entre a fantasia e o real, e convida o leitor a refletir e a desenvolver

a imaginação. O pequeno poema lembra a fala dos palhaços de circo, fazendo o reclame,¹ como se dizia antigamente, do espetáculo que vai haver: “Hoje tem espetáculo? Tem, sim sinhô. É às oito da noite? É, sim sinhô. Hoje tem marmelada? Tem, sim sinhô. Hoje tem goiabada? Tem, sim sinhô. É de noite? É de dia? É, sim sinhô. E o palhaço, o que é? É ladrão de mulher!”. Nessa fala inicial, cabem os jogos de palavras (mendiga, não me diga; Ora, se digo. E Digo, era um mendigo?) e a declaração de que, apesar de mendigos, meninos de rua não são iguais: “Então os dois eram iguais? Ora, ora, claro que não”. Depois disso, o convite para que se descubra como são: “E como eram, então?” A percepção de igualdade vem do leitor, para quem todos os meninos de rua não têm individualidade nem identidade. É como se constituíssem uma massa indiferenciada, sem rosto e, portanto, sem coisa alguma que os caracterize como indivíduos. Logo, muito diferentes do leitor, que se acha portador de um rosto, de uma identidade e individualidade.

Essa é a história de Digo e Tetê.
Conhece não? Vem conhecer.
Quem era Tetê?
Uma mendiga.
Não me diga!
Ora, se digo.
E Digo? Era um mendigo?
Se negar, estou mentindo.
Menino e menina de rua,
menina e menino da rua,
um ou outro, tanto faz.
Então os dois eram iguais?
Ora, ora, claro que não.
E como eram, então?
(CUNHA; SALLES-COELHO, 2002, p. 2)

Essa fala anuncia a estória da obra, convidando ao leitor a conhecer a estória de dois meninos de rua diferentes, Digo e Tetê. Logo de início, os autores dão um toque de humor à estória, utilizando uma linguagem simples e o jogo de palavras: “Uma mendiga. Não me diga! Ora, se digo. E Digo? Era um mendigo?”. Leo Cunha e André Salles-Coelho também se utilizam da intertextualidade, de maneira explícita, ao citar no texto, como notas de referências, que se apropriaram de trechos dos poemas: *A onda*, de Manuel Bandeira, *Pão e Circo* e *Objetos não identificados*, de Cassiano Ricardo, em seus poemas dos capítulos 8 e 17.

¹ Do francês *réclame*, palavra feminina, que significa publicidade.

que sofro
é uma festa para os meninos?...

A arte de circular sobre a esfera.
E de ganhar meu pão.
Num circo...
(CUNHA; SALLES-COELHO, 2002, p. 36)

Com relação ao poema do capítulo 17, os autores retratam a mistura de sentimentos do menino de rua, Digo, ao se deparar com a oportunidade de ganhar seu pão, trabalhando no circo com os palhaços, e a incerteza se deixaria tudo para trás, até mesmo sua amiga Tetê. Isso se dá ao tentar encontrá-la e ter a vontade de levá-la consigo, como se pode constatar no fragmento, que antecede o poema: “O circo ia embora de madrugada e Digo não sabia o que fazer. Tentava achar a amiga? Chamava pra ela ir também? Rodava o planeta com o circo? Ia correndo pro parque de diversões? Ou deixava tudo pra lá? Ou não? Tudo se misturava na sua cabeça” (CUNHA; SALLES-COELHO, 2002, p. 36). Portanto, esse poema reafirma essa confusão de sentimentos do menino de rua, aludindo ao que se passava na cabeça de Digo, pois nos versos é possível identificar suas vivências relatadas na narrativa, como, por exemplo, no verso: “O embrulho contendo pão que a polícia achou suspeito...”, que retrata o episódio em que os policiais, protegidos com escudos, confundem um saco de pão com uma bomba, e Digo acaba ficando com o pão.

A obra apresenta características poéticas e estabelece um diálogo do mundo real com o lúdico, por meio do jogo de palavras. Os autores convidam o leitor a praticar a sua imaginação e a refletir sobre questões sociais e interpessoais, mas permitindo-lhe construir seu mundo de sonhos, que, conseqüentemente, lhe proporcionam desenvolver suas habilidades cognitivas e interpretativas. Esse diálogo do mundo real com a fantasia está presente, por exemplo, no episódio da narrativa do roubo da bolsa no estádio de futebol, em que o narrador narra os fatos como se fosse um narrador de uma partida de futebol: “- Lá vai, lá vai, lá vai! Correu para direita, jogou a bolsa pro outro, que disparou pela lateral! Corre, minha gente, que essa bolsa é minha! Marca o da direita que eu seguro a da esquerda! Fecha tudo aí atrás!” (CUNHA; SALLES-COELHO, 2002, p. 23). Percebe-se, nesse fragmento, que existe uma proximidade da realidade com a fantasia, uma vez que os autores, por meio do humor, retratam uma cena como se fosse uma partida de futebol, aproximando o leitor de uma vivência real.

Outro aspecto importante da obra é que os autores conectam o mundo concreto ao mundo de fantasia do leitor, possibilitando que este possa olhar o meio em que vive.

Isso não impede que o contato com a realidade seja permeado pelo aspecto lúdico e pela quebra dos estereótipos linguísticos, como se vê no poema abaixo:

Chocolate com pedaço de coco,
coco com amor em pedaços,
baba de ovos e fios de moça
ou baba-de-moça e fios de ovos?,
uma bola de baunilha
com uma pilha de sucrilhos,
marshmallow, caramelo
e cogumelo (não, que é salgado!)
e delicado e granulado (colorido!),
uma bola de chicletes
com bolinhas de confetes,
calda quente, calda fria,
uma bacia de geleia
grande ideia!,
uma bola de umbu com castanha de caju,
outra de *kiwi* com castanha do Piauí
ou será que é do Pará?
Onde é que ele ia parar?,
Mais o flocos (não dispensa)
mas o creme (não compensa).
Nossa, mas que lambança!
E no final, um suspiro.
Ufa! Que delícia...
(CUNHA; SALLES-COELHO, 2002, p. 27)

O humor e simplicidade da linguagem são recursos narrativos evidenciados neste poema, que apresenta uma linguagem que atinge a imaginação das crianças, provocando sua capacidade de criar e imaginar. Observa-se que os autores demonstram, de forma poética, que a criança de rua também tem o direito de expressar suas vontades e desejos, sendo possível realizá-los e concretizar tudo aquilo que se almeja, até mesmo um simples sorvete.

Os recursos narrativos, para que a estória se desenvolva como um jogo entre o imaginário e o real, se apresentam como o enredo de um filme, como se verifica no texto que fala sobre os autores e a estória, na própria contracapa do livro:

Ah, os dois tinham uma paixão em comum: o cinema. Foi assim que, em 1990, apareceu a primeira ideia para o *Pão e circo*: ia ser um roteiro de filme, contanto a história de Digo e Tetê, dois meninos de rua. Uma história que misturasse realidade e imaginação, alegria e tristeza, encontro e desencontro, brincadeira e fome, o sonho do circo e a luta pelo pão.

Com o tempo a ideia foi crescendo, ganhou versos e brincadeiras, sem perder o lado sombrio. E agora, onze anos depois, a história ficou madura neste livro, belamente ilustrado por Nelson Cruz.

Há cenas isoladas, como o encontro dos dois meninos, a dança solitária de Tetê ao lado do parque de diversões, cenário que abre e fecha a narrativa, o quase atropelamento de Tetê, salva por Digo. Nessas cenas iniciais, a caracterização das duas personagens: Tetê, alegre, desligada, meio inconsequente, e Digo, resmungão, cabisbaixo, introspectivo. Depois disso, há um corte para uma nova cena: “Uns dias depois, Digo andava pela praça, cabisbaixo, quando reparou uma agitação estranha”. É a falsa bomba que, na verdade, é um pão.

Nesta cena, dá-se um novo encontro das personagens, em que Tetê demonstra sua bondade, oferecendo uma maçã ao amigo Digo. Há um novo corte, e a cena descreve, apenas mostrando, o estado de privação das crianças. Digo dorme sob uma pilha de jornais, no chão, quando é “lido” por Tetê. Dali, a cena se desloca para a porta de uma igreja, de onde saem recém-casados, despertando sonhos em Tetê e obrigando Digo a lembrá-la da realidade: por mais que deseje, jamais terá o objeto de seus sonhos. A frase-chave dessa cena é: “Você não se enxerga”, de duplo sentido. Primeiro, porque Tetê realmente não se vê no vidro da vitrine; segundo, porque acredita ser possível sonhar. Enquanto isso, Digo é quem tem os pés no chão e “se enxerga”, suprimindo toda e qualquer possibilidade de sonho.

A nova cena é a do campo de futebol, onde ambos executam um roubo durante a execução da “ola”. Aproveitando a distração dos torcedores, Tetê rouba uma bolsa, mas é pega. Digo, que consegue escapar, gasta o dinheiro da bolsa em sorvetes e encontra o ingresso para um espetáculo de circo. Esse espetáculo faz a ligação com a abertura da narrativa, semelhante à publicidade de um espetáculo circense, ao mesmo tempo em que constitui a cena seguinte, que marca a separação dos dois amigos. Ao assistir ao espetáculo, Digo acaba fazendo parte dele. Por sua atuação, é convidado para entrar para o circo e contracenar com os palhaços. Apesar das dúvidas e da vontade de reencontrar Tetê, Digo parte com o circo. Assim, abre-se espaço para a última cena: Tetê procura Digo em vários lugares e acaba indo ao parque de diversões. Acaba ganhando, do pipoqueiro, pipocas e um ingresso. Antes de ir para o parque, pede que o pipoqueiro, conhecido de Digo, dê um recado: “Quando o Digo aparecer, fala que eu tô lá dentro, na roda-gigante”.

Leo Cunha e André Salles-Coelho, ludicamente, constroem um discurso sobre a diversidade social, mostrando como a sociedade age com as crianças de rua. Como o texto se organiza como um roteiro de filme, realmente mostra a realidade dos meninos de rua, sua identidade e sua diferença. Cabe ao leitor ver a realidade e ser capaz de lê-la. O processo argumentativo não é apenas linguístico: é, principalmente, pictórico. São as cenas os principais argumentos, assim como as ilustrações, que dialogam com o texto. À página 5, um grafite: “Abaixo a fome”. À página 11, um outro: “Mais escolas!”. Às páginas 14 e 15, as promessas de felicidade a prestações, impossível para quem vive na rua: “Liquidação” e “Compre sem dinheiro”. À página 16, há um grafite no muro: “Salário Digno”. À página 25, a ilustração é do guarda detendo Tetê, ficando evidente a violência que usa para isso.

Os autores abordam o tema exclusão social, de maneira bem sutil, por meio da construção de uma narrativa poética e de um tom de humor, possibilitando ao leitor refletir sobre a sua situação social e a dos grupos marginalizados, como o dos meninos e meninas de rua. O texto apenas mostra essas questões sociais: questiona a postura da sociedade quanto a uma criança de rua, mas não constrói um discurso moralista. O grifo acrescentado à citação abaixo é bastante elucidativo:

Tetê não perdeu tempo: jogou outra moeda. Só que, dessa vez, acertou uma senhora que ia passando.

- Ficou maluco?! – a mulher gritou pro Digo. – Vai jogar moeda na sua mãe!

- Não fui eu. Não fui eu, não! – Digo se defendeu, atabalhado. – Foi uma garota que está ali... quer dizer do outro lado... quer dizer ...

– Que garota que nada, seu safado! Não tem ninguém na rua além de você, mal-educado! A senhora saiu batendo o pé. – **Não é à toa que tá na rua...** (CUNHA; SALLES-COELHO, 2002, p. 5-6, grifo nosso)

Nota-se que os autores apresentam questões relativas à educação das personagens, pois tanto Digo quanto Tetê demonstram atitudes educadas, como não jogar lixo na rua, não pegar objetos que não lhes pertencem e agradecer às pessoas, como se pode verificar nos trechos abaixo. Em contraposição, o roubo da bolsa, no estádio, representou um caso extremo, dada a penúria em que se achavam.

- Olha um saco de pipoca! – Ela apontou para um canto e saiu em disparada, toda serelepe. Não vai ver se tem dono, não! – Digo bufou, ranzinza.

Quer um saco de pipocas? Tetê gostou da ideia. Balançou a cabeça dizendo que sim.

– Não tem dono? – perguntou.

Tem não. Quer dizer, o dono sou eu, e eu tô te dando.

Ela agradeceu, envergonhada, e já ia se afastando quando escutou: (CUNHA; SALLES-COELHO, 2002, p. 3, 37-38).

O texto, por meio de sua narrativa simples e divertida, revela também que as crianças desenvolvem ações sociais no seu espaço de convivência, no seu dia-a-dia. Apesar de estarem numa posição de excluídas da educação formal, isto é, fora das escolas, conseguem desenvolver a capacidade de formular estratégias adaptativas, que lhes proporcionam o crescimento como seres humanos aptos ao convívio com o outro.

Esses meninos de rua, apesar de todas as dificuldades, conseguem ser felizes, brincam, dançam, jogam bola, ou seja, expressam sua cultura. Isto significa que Digo e Tetê, por não fazerem parte de convívio social “adequado”, como a sociedade estipula, não são incapazes de conviver com outros indivíduos, pelo contrário, são crianças nas mesmas condições de qualquer ser humano, que sabem se relacionar com o outro. Principalmente, mostram como são verdadeiramente, em suas relações interpessoais, e como também sabem se resguardar de uma sociedade que os marginaliza. Isso fica claro no episódio em que se conta como Tetê transmitia sua alegria, através da dança, em frente ao parque de diversões: “- Ei menina, para com isso! Não tá vendo que o parque tá fechado? Tetê levou um susto e parou de dançar. – É mesmo? Eu podia jurar que estava ouvindo música. E desabou no chão, desiludida. Mas não demorou pra abrir um sorriso.” (CUNHA; SALLES-COELHO, 2002, p. 3)

Pão e circo, explicitamente, trata do “menino de rua”, denunciando a exclusão e a estigmatização, de um grupo, pela sociedade. O texto revela a infância carente de dois meninos, com necessidades de cuidados e atenção, como outros quaisquer. A narrativa discute o imaginário social sobre o tema, que inclui a pobreza, a marginalidade e a identidade social. Entretanto, a caracterização do “menino de rua” se constitui a partir de um processo culturalmente imposto pela sociedade, que classifica o morador de rua como tendo uma identidade social negativa e, portanto, passível de ser excluído. Mas, no texto, os meninos de rua se definem a si mesmos, a partir das suas condições de vida reais e da categorização lhes é atribuída pela sociedade, como se constata no diálogo das duas personagens protagonistas: “- Não foi você que outro dia ... - Eu mesmo – Digo respondeu seco. [...] - Você também mora na ...- Moro – Digo respondeu.” (CUNHA; SALLES-COELHO, 2002, p. 9)

Os autores mostram que o conceito de “meninos de rua” é introjetado, e eles são obrigados a aceitar uma identidade imposta, como se isso fosse algo comum. Como nas palavras de Silva (2013, p. 82): “A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações”. Assim, a identidade desses meninos de rua é constituída a partir das relações sociais de que fazem parte, mesmo como excluídos dessas relações. Ou seja, a identidade se constrói a partir do grupo dominante no processo de socialização, que reafirma sua própria identidade, e, conseqüentemente, impõe uma outra identidade, diferente e menos valorizada, a outros membros do grupo social. Essa imposição se dá pelo discurso e pela violência.

Em suma, *Pão e circo* propõe uma reflexão sobre o conceito “meninos de rua”, que faz referência a um grupo social excluído. Observa-se que, logo de início, com o primeiro poema que anuncia a estória, os autores, de maneira lúdica, trazem a categorização “Menino e menina de rua, menina e menino na rua, um ou outro, tanto faz”. Esse poema, juntamente com todo o contexto da obra, possibilita ao leitor a pensar sobre o porquê de essas crianças terem sido deixadas na rua. A expressão “menino ou menina na rua” nos remete a uma situação esporádica, crianças na rua, mas “meninas ou menino de rua”, define uma população sem apoio familiar e social, ou seja, pode ser qualquer criança abandonada, que se encontre em desacordo com as normas estipuladas pela sociedade.

Nesse sentido, o livro apresenta criticamente a representação social institucionalizada de que os meninos de rua ou moradores de rua são maltrapilhos, pobres, sujos, que sobrevivem sob viadutos e papelões, sendo apenas catadores de lixo e de sucatas. Essa representação marginaliza quem já está, por questões sociais, destinado à marginalidade e impossibilitado de sair dessa situação. O texto evidencia que essa situação de exclusão já foi introjetada: “Nós somos uns pobres, esfomeados, maltrapilhos. Você nunca vai ter um brinco desses!”. (CUNHA, SALLES-COELHO, 2002, p. 14). Ao concluir o texto, os autores mostram duas saídas, duas possibilidades de mudança, ambas passando pelo imaginário: Digo vai ser palhaço de circo: irá fazer arte e divertir as pessoas, dando-lhes sonhos e sorrisos e Tetê vai apenas sonhar e se divertir, como se pudesse viver para sempre no parque de diversões. São duas soluções que permitem fugir da realidade e construir algo melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar a literatura infantil pela perspectiva das representações da diversidade cultural, enfatiza-se a força do campo simbólico para construir uma visão contra-hegemônica, que possa ser uma alternativa à visão das classes dominantes. Ou seja, a literatura infantil pode questionar as construções sociais e culturais que se fizeram ao longo da história e que apresentam uma dada “normalidade” como natural e obrigatória. Nessa “normalidade”, aqueles que não se encaixam nesse “padrão” podem ser alvo de preconceitos por sua condição de gênero, etnia, linguagem, nacionalidade, religião, etc.

As obras literárias se constituem e agem como instrumentos de construção identitária da criança, sendo essas construções no viés individual ou coletivo, que, para Nelly Novaes Coelho “têm uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação.” (COELHO, 2000, p.15)

Discutiu-se, neste estudo, a relação entre literatura infantil e o discurso da diversidade, com a abordagem de questões culturais e socioculturais de uma sociedade, relacionadas a questões de identidade e diferença, e como os autores mineiros apresentam esses temas. Percebe-se que os autores se preocuparam em questionar determinadas “verdades” que circulam em nossa cultura, principalmente a respeito do outro, seja ele quem for.

Pela análise feita na obra *Pão e Circo*, revelaram-se as estratégias narrativas adotadas, em que se abordam a diversidade, a diferença e aspectos da construção da identidade, mesmo que isso seja feito “automaticamente” ou “sem intencionalidade”.

Leo Cunha e André Salles-Coelho, ludicamente, constroem um discurso sobre a diversidade social, mostrando como a sociedade age com as crianças de rua. Como o texto se organiza como um roteiro de filme, realmente mostra a realidade dos meninos de rua, sua identidade e sua diferença. Cabe ao leitor ver a realidade e ser capaz de lê-la. O processo argumentativo não é apenas linguístico: é, principalmente, pictórico.

Outro elemento importante na obra foi o tratamento literário que recebeu, evidenciando o cuidado no uso das palavras, sua exploração poética, por meio de aliterações, assonâncias, jogos de palavras, misturando aspectos fonéticos e semânticos, além da construção narrativa. Portanto, fez-se a mistura de gêneros, mesclando poesia e prosa.

O estudo buscou ainda, relatar as estratégias adotadas pelos escritores para veicular um discurso literário a favor da valorização da diversidade e da diferença.

Constatou-se que, na obra escolhida, existem diferentes identidades, a partir da vivência e experiências com o outro, e que essa obra promove uma reflexão sobre a diversidade humana.

Em *Pão e Circo* é possível perceber uma denúncia de violência e exclusão contra a pessoa, e o título é profundamente irônico, retomando o *panis et circenses* dos romanos, ainda atual. Também nesse livro, apesar do pessimismo quanto ao futuro dos meninos e meninas da, e na, rua, a ilustração inicial funciona como uma bandeira de esperança. Os dois protagonistas projetam sombras numa parede, com as mãos, como que sinalizando, para o leitor, que ainda há esperanças, que ainda se pode sonhar.

Portanto, no livro infantil analisado foi possível perceber aspectos culturais inseridos nas narrativas, como crenças, valores, costumes, preconceitos, hábitos, religiões e mitos, dentre outros, que revelam o universo cultural de uma sociedade, afirmando a existência de uma identidade cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José Márcio (Org.). **Diversidade cultural: da proteção à promoção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 3. ed. São Paulo: Global, 1989.

COELHO, Nely Novaes. **A literatura infantil**. 3. ed. ref. ampl. São Paulo: Quíron, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

CUNHA, Leo; SALLES-COELHO, André. **Pão e Circo**. Belo Horizonte: Atual, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016.



CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso:** modos de organização. Tradução de Ângela M. S. Correa e Ida Lúcia Machado. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010a.

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso propagandista:** uma tipologia. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato. *Análises do Discurso Hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010b, p. 57-78. v. 3. Disponível em: <http://www.patrick-charauveau.com/IMG/pdf/2010_d_Disc-_Propag-_Belo_Vol3__ARTICLE.pdf>. Acesso em: 13 out. 2016.

MAINGUENAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1989.

MAINGUENAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. Tradução de Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAINGUENAU, Dominique. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria Cultural e Educação:** um vocabulário crítico. Belo Horizonte: autêntica, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2013.



www.revistafenix.pro.br

RECEBIDO EM: 15/11/2019

PARECER DADO EM: 24/01/2020